



# O grande ciclo

**A** Apple sempre quis ser a Sony, e de certa maneira a Sony também gostaria de ser a Apple.

A Sony até participou da criação do Macintosh original (indiretamente) e do primeiro PowerBook (diretamente). Se a Apple não tivesse perdido o embalo nos anos 90, a Sony poderia hoje estar fabricando clones de Mac. Preferiu criar a linha VAIO, que se esforça em ser diferente da mesmice dos demais PCs. E é isso o que une a Apple e a Sony. *Ambas* querem ser “diferentes”. A Sony é uma empresa de eletrônica de consumo que se deu conta de que o microcomputador está no centro do seu futuro. A Apple é uma empresa de microcomputadores que quer ter o estilo dos eletrônicos de consumo.

É compreensível que os japoneses queiram fugir da situação atual, em que o VAIO é baseado em tecnologias sobre cujo desenvolvimento eles não têm o menor controle – os chips Intel e o Windows. A saída ideal para eles é criar uma plataforma de PC independente, integrada aos seus demais produtos. Já tinham ensaiado quebrar a dependência ao deixar o PlayStation 2 preparado para ser o ponto de partida para um PC alternativo. Agora apresentam o *eVilla*, um micro doméstico ultra-simples que rompe de vez com tudo, adotando hardware 100% inventado “em casa” e o sistema operacional BeOS – aquele mesmo, o que foi criado por um ex-chefe da Apple.

A principal incógnita sobre o *eVilla* é se o mercado não estaria “viciado” demais em PCs tradicionais, com montes de

HD e RAM e um OS complexo e ineficiente, porém onipresente.

Talvez ignore um intermediário entre um eletrodoméstico e um

PC (lembra do NC? Pois é). Ou pode ser que acorde de vez para as virtudes do “menos é mais”, que outrora a própria Apple usou para vender o Macintosh.

O *eVilla* é a reinvenção do Mac ao estilo da Sony. De saída, estão fazendo algo sensacional, que põe no chão a indústria de informática inteira, Apple incluída: *a tela vertical*.

Há dez anos, existiam monitores verticais para DTP; eles serviam para ver uma página de revista em tamanho natural. Com a melhoria na resolução, o padrão horizontal virou o único disponível. Aí surgiu a Web, a aplicação que reinventou o PC (e o Mac). De repente, você passou a não usar o computador apenas para produzir mídia cujo contexto natural é *fora* dele – papel, vídeo, som. A Web é concebida para ser vista *dentro* do computador. É um meio visual caracterizado por longas “páginas” verticais sem altura definida, mas com um consenso de largura.

O formato das páginas da Web fecha um grande ciclo na história da comunicação visual da Humanidade. É o resgate do milenar papiro; a volta dos livros em rolos dos egípcios, gregos, romanos, chineses...



Quase todas as “páginas” da Web são tiras verticais de texto e imagem, que vamos rolando aos poucos para ler – exatamente como faziam nossos ancestrais.

A Web rejeitou a sintaxe visual que era encarnada por seu predecessor direto, o HyperCard; nele, a divisão da informação era feita em telas de dimensão fixa e proporção horizontal, perfeitamente adaptadas ao formato da tela. Era o equivalente virtual de um livro paginado. No mundo real, o livro paginado substituiu o livro enrolado durante um milênio, somente para assistirmos ao retorno avassalador do seu antepassado no mundo virtual. O paradoxo é que o rolo triunfou na Web apesar de os nossos computadores *não* tornarem o seu uso mais prático.

O formato atual de tela 4:3 dos monitores é herdado da TV, mas entre eles nada mais resta em comum que justifique a continuidade dessa herança. Mantido no computador por pura inércia, o formato resultou na tortura inconsciente de milhões de pessoas, que passam o dia dando *scroll* em uma ineficiente tela de browser na qual sobram espaços vazios à esquerda e à direita. Tão patético quanto outras excrescências técnicas que até já fizeram sentido em alguma época, mas ficaram desnecessárias e se perpetuaram de bobeira – a trilha espiral do CD imitando o disco de vinil; a disposição maluca das teclas no teclado; os ícones padrão de papelzinho, lixeirinha e pastinha de escritório.

Aí a Sony resolveu endireitar a coisa e botou a tela de pé, e eu pergunto: por que o resto da indústria de informática nem mais pensava nisso, teve que vir alguém “de fora” para perceber? Como é que a Apple, que tanto se orgulha de liderar a inovação, não somente *não* teve essa idéia óbvia como ainda fez o *contrário* – alargou a tela do PowerBook Titanium, a assumida resposta de Steve Jobs ao VAIO?

A Apple, por tudo o que fez e disse, agora tem a obrigação moral de inovar radicalmente, ou vai tomar mais fogo da Sony no campo do design e perder a última liderança que lhe resta, e da ousadia técnica. Mudar as cores dos iMacs de novo não será suficiente. Eu até ousou chutar o que seria a tal “inovação”, porque não falta gente fazendo a mesma especulação: seria um computador de mão em forma de prancheta – vertical! – com tampa protetora, caneta e *touchscreen*. E aí, Steve, vai esperar que a Sony faça esse primeiro, também? **M**

MARIO AV [marioav.com](http://marioav.com)

Suspeita que o seu próximo iMac poderá ser um Sony.